

“O manifesto de todos nós”: a abordagem do folheto de Abraão Batista às manifestações de junho de 2013 ¹

Gislene CARVALHO²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

No mês de junho de 2013, uma série de manifestações aconteceram no Brasil, reunindo cerca de um milhão de pessoas em aproximadamente 80 cidades. Estas manifestações, de alto valor-notícia, por atenderem a diversos critérios de noticiabilidade do jornalismo, foram noticiadas em uma série veículos de comunicação, incluindo as redes sociais e os folhetos de cordel. Neste trabalho, observamos a abordagem feita pelo poeta Abraão Batista no folheto “O manifesto de todos nós”, em que podemos perceber também a existência de critérios de noticiabilidade, ao mesmo tempo em que acontece uma mistura entre informação e opinião, aproximando o folheto de uma crônica sobre os protestos.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel; critérios de noticiabilidade; manifestações

INTRODUÇÃO

Durante o mês de junho de 2013, com mais ênfase no período que coincidiu com a Copa das Confederações, várias manifestações aconteceram em cidades brasileiras e no exterior, apontando insatisfações de origens diversas e protestando a favor de mudanças estruturais nos contextos político e econômico nos quais o Brasil está inserido. Em uma época em que o acesso às redes sociais se faz presente, as convocações para passeatas, manifestos e protestos tiveram um amplo alcance e levaram milhares de pessoas às ruas, pedindo um País diferente.

Além da peculiaridade da quantidade de gente mobilizada, as manifestações foram marcadas por contemplarem assuntos diversos: preços de passagens no transporte público, combate à corrupção e à violência, melhoria nos serviços de saúde e educação públicos, contra a homofobia, contra a redução da atuação do Ministério Público etc. E a atuação midiática combinando os novos meios aos tradicionais possibilitaram uma cobertura diferente, em que todo mundo era, de algum modo, produtor de notícia.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestrandia do Programa de Pós-graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: mgisacarvalho@gmail.com

E os folhetos de cordel não ficaram de fora dessa cobertura. Com um modo de produção diferenciado dos jornalistas, mais próximos, talvez, da produção de notícias nas redes sociais, os poetas registram os acontecimentos, os transformam em poesia, opinam e permanecem cumprindo sua função de informar, de transmitir notícias e de registrar a memória cotidiana. Neste trabalho, analisamos a construção textual do folheto de Abraão Batista, “O manifesto de todos nós”, em que o cordelista aborda as características mais marcantes das manifestações e tece seus comentários sobre o que apreendeu pela mídia de massa, além de usar o folheto, também, como forma de protesto.

Este é um trabalho inicial em que relacionamos o jornalismo e os folhetos noticiosos como forma de difundir informações, buscando aproximações e distinções entre ambos. Nosso objetivo é encontrar os traços característicos da notícia veiculada no cordel e percebermos a sua representatividade em um momento de coexistência com as mídias eletrônicas e instantâneas. Para esta análise, é necessário refletirmos sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, tanto para o jornalismo quanto para os folhetos, e o agendamento que transita pelas mídias que fizeram as coberturas das manifestações. Juntamos a isso, os conceitos e características do cordel que o apontam como veículo midiático de informação e, por fim, retomamos a abordagem realizada pelo poeta Abraão Batista no folheto “O manifesto de todos nós”.

AS MANIFESTAÇÕES

Junho de 2013 teve dias que fugiram da rotina para o Brasil inteiro. Insatisfações geradas por preços de passagens no transporte público, propostas de emendas constitucionais, corrupção, altos impostos, gastos gerados pela realização da Copa do Mundo de futebol, problemas causados por baixos investimentos nos setores da educação e da saúde, pelo elevado índice de violência, além de grupos sociais pedindo respeito e direitos igualitários aos indivíduos levou milhares de pessoas às ruas em forma de protesto.

Cada um ia para a rua portando sua própria bandeira ideológica. Uma das grandes peculiaridades destas manifestações foi a multiplicidade de interesses. Não havia um único foco, não era uma mudança única que estava sendo exigida. “Não é só por 20 centavos”, diziam muitos dos cartazes carregados. O *slogan* referia-se ao valor do aumento das passagens na cidade de São Paulo-SP e tudo o que estava por trás dele. Cada indivíduo defendia seus próprios ideais de País melhor e, juntos, formaram uma rede de protestos que ecoou no Brasil, com manifestações em aproximadamente 80 cidades no dia 20 de junho,

segundo a página Pragmatismo Político³, e no exterior⁴. Fora do Brasil, as manifestações foram noticiadas, por exemplo, no “*El País*” e “*La Nación*” na Argentina, no “*The New York Times*”, nos Estados Unidos e “*The Guardian*”, na Inglaterra, segundo o Jornal Extra.

Uma manifestação aderida por muitas pessoas e com ideias diferentes gerou muitas discordâncias. A falta de unidade de interesse, de uma proposta que centralizasse todos os desejos dos manifestantes fez que muitos discursos contraditórios surgissem. Grupos que lutavam contra a Rede Globo de Televisão cantavam vitória quando esta mesma empresa noticiava as manifestações – inclusive, abrindo mão de parte de sua programação no dia 20 de junho de 2013, e com uma edição do Jornal nacional com 1h20min⁵, e o Jornal da Record apresentou 1h45min de cobertura das manifestações⁶. Outros grupos rejeitavam a utilização de bandeiras de partidos políticos. A rejeição aos partidos fez surgir a ideia e os boatos de um possível golpe de Estado nas redes sociais⁷, provavelmente realizado pelas Forças Armadas, como no ano de 1964, quando instalou-se a Ditadura Militar no Brasil.

Havia quem defendesse protestos pacíficos, outros achavam que pichações e depredações chamariam mais atenção. Estes foram classificados como “vândalos” que estavam manchando a imagem do movimento. A este grupo classificado pela mídia de massa como “vândalos”⁸ também se incluíam saqueadores. Mas havia quem defendesse que determinadas ações classificadas como vandalismo eram na verdade iconoclastias que serviriam para chamar a atenção da sociedade e para dar uma marca ao movimento.

A repressão policial aos manifestantes chamou atenção. No início das manifestações em São Paulo pela redução dos preços das passagens, os manifestantes alegavam que a Polícia Militar estava agredindo-os sem motivo aparente. Policiais diziam que os acordos de localização estavam sendo desrespeitados. Até que em uma manifestação específica, repórteres que estavam cobrindo os protestos começam também a ser agredidos pelos policiais com balas de borracha, *spray* de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo e até ser presos por portarem vinagre (material que neutraliza os efeitos do gás lacrimogêneo). Neste momento, a cobertura midiática se intensifica e muda de orientação. Os ativistas

³ Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/mais-de-80-cidades-realizam-manifestacoes-hoje-no-brasil.html> Acesso 09/07/2013

⁴ Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/mundo/protestos-sao-destaques-em-jornais-internacionais-8765970.html> Acesso 09/07/2013

⁵ Disponível em <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/para-assinantes/v/jornal-nacional-edicao-de-quinta-feira-20062013/2646599/> Acesso 09/07/2013

⁶ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wrMhaZDW-yQ> Acesso em 09/07/2013

⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/GolpeMilitar2014?fref=ts> Acesso em 09/07/2013

⁸ Editorial do Jornal O Estado de São Paulo no dia 14 de junho. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,puro-vandalismo-,1040106,0.htm> Acesso 09/07/2013

deixam de ser considerados baderneiros pela mídia de massa e há um novo enfoque sobre os protestos como algo positivo, como podemos perceber no discurso do Jornal Nacional⁹.

As redes sociais tiveram um papel fundamental nestas manifestações. Segundo a página da revista Exame na Internet, uma notícia publicada no dia 18 de junho afirmava que os protestos geraram mais de 550 mil publicações nas redes sociais¹⁰. No *Facebook*, criava-se eventos convidando as pessoas a se juntarem aos manifestantes de São Paulo. A Copa das Confederações se aproximava e aquele seria considerado o momento ideal para que as manifestações tivessem maior repercussão. Nas redes sociais, os participantes das manifestações atualizavam em tempo real o que estava acontecendo nas ruas. Postavam fotos, vídeos e comentários. Além disso, as pessoas compartilhavam *links* de matérias ou artigos publicados na mídia de massa sobre o que estava acontecendo, comentários e opiniões sobre os manifestos e suas causas, especulações sobre as possíveis consequências, críticas ao Governo Federal etc. Segundo a Folha de São Paulo, entre os dias 20 e 22 de junho, os compartilhamentos de notícias passaram de 200 mil para 600 mil/dia¹¹.

As informações, então, não estavam apenas nas mãos dos grandes veículos de comunicação. Novas realidades eram construídas por cada indivíduo em suas páginas pessoais e assim as notícias sobre as manifestações tornaram-se a pauta principal dos noticiários durante duas semanas, ao lado da Copa das Confederações. Diariamente novos protestos aconteciam e eles não podiam ser ignorados. Se a televisão não noticiava, eles estavam nas mídias sociais, e as pessoas queriam saber mais. Neste momento quem sugere a pauta, quem agenda quem se torna uma linha tênue.

Neste contexto de grande mobilização, em que “o Gigante acordou”, como se de repente o País inteiro tivesse se dado conta dos próprios problemas e a partir de então fosse resolver tudo o que estava errado, a temática das manifestações leva a novas propostas políticas, como uma tentativa de reorganizar as estruturas do Brasil de modo que as solicitações dos manifestantes pudessem ser analisadas. A presidenta da República Dilma Rousseff fez suas sugestões e o plebiscito aguarda aprovação no Congresso Nacional.

Como acontece em todos os eventos relevantes para a história do País, os poetas cordelistas também se manifestam. Registram a memória daquele momento, a forma como os eventos os afetam, opinam sobre os acontecimentos e nos oferecem uma crônica poética

⁹ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=APLEN2vPJpI> Acesso 09/07/2013

¹⁰ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/protestos-geram-mais-de-550-mil-publicacoes-em-redes-sociais> Acesso: 09/07/2013

¹¹ Disponível em <http://app.folha.com/m/noticia/278591> Acesso: 09/07/2013

da história. Abraão Batista fez isso em “O manifesto de todos nós”, folheto que analisamos mais adiante. Antes disso, nos detemos a uma reflexão teórica sobre as teorias do jornalismo e da construção da realidade, para que possamos compreender o processo de produção do cordel também como meio de informação.

A PRODUÇÃO O JORNALISMO / OS VALORES-NOTÍCIA

A informação, transformada em notícia, é a matéria-prima do jornalismo. Mas diante de tantos fatos que acontecem diariamente e compõem a realidade, como escolher aqueles que merecem ser tratados como notícia e, portanto, midiaticizados? Quais são as características que atribuem importância, valores a um fato para que eles sejam noticiados?

O jornalismo não é um reflexo do real, como sugeriu a Teoria do Espelho, em que o jornalista seria “um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais.” (PENA, 2010, p. 125) Mas o que faz o jornalista é construir realidades, a partir da realidade cotidiana, lugar onde os fatos apresentados acontecem. Esta construção acontece nos relatos, nos textos, que são produzidos a partir de óticas individuais, mediações, interpretações e uma série de fatores práticos relativos aos meios e ao público.

Relatar a realidade, transformá-la em texto, implica no que Wolf (2012) chama de distorção involuntária, que repressam

distorções inconscientes, que dia após dia enfatizam uma certa representação da realidade social, prejudicando alguns de seus aspectos em favor de outros, são um elemento que entra em jogo na dinâmica da difusão dos efeitos cognitivos ligados àquela imagem da realidade. (WOLF, 2012, p. 189)

A seleção do que vai ou não virar notícia é feita nos veículos de comunicação de massa seguindo os chamados critérios de noticiabilidade. Segundo Wolf (2012), o objetivo dos veículos é fornecer à sociedade relatos de acontecimentos significativos. Porém, isso não é uma escolha fácil, pois a realidade cotidiana é constituída por uma infinidade de acontecimentos que não cabem na mídia de massa. Este processo de escolha, junto ao modo de produção da notícia e às rotinas da prática jornalística, refere-se ao *newsmaking*, que nos apresenta a forma como a mídia constrói realidades. Chamamos de noticiabilidade (Wolf, 2012) a capacidade que um acontecimento possui de virar notícia.

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2012, p. 170)

É o que nos aponta a Teoria do *Newsmaking*. Diante de uma realidade complexa, cheia de acontecimentos que jamais caberiam por completo nas páginas de um jornal ou na programação de uma emissora, o jornalista seleciona aqueles fatos de maior valor-notícia. Este valor seria medido pelos critérios de noticiabilidade. O *newsmaking*, então, é a teoria da comunicação que está voltada para o jornalismo, e os produtos e mídia em geral, como construção social da realidade, em que um sujeito, o *gatekeeper*, a partir de sua subjetividade condicionada por diversos fatores, faz recortes de realidades específicas a serem apresentadas ao público. A mídia recorta a realidade de seu contexto e a ressignifica em seus espaços, criando novos modos de apreender e interpretar os eventos, que são tratados como realidade.

Os critérios de noticiabilidade são vários e se referem, segundo Hohlfeldt (2008), às características da notícia e, portanto, ao seu conteúdo quanto à importância (grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; relevância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação) ou ao interesse (capacidade de entretenimento; interesse humano; composição equilibrada do noticiário). Têm relação também com a disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo, aos meios de informação, ao público e à concorrência.

O evento das manifestações segue os critérios de importância e de interesse do conteúdo. Os acontecimentos referentes às manifestações mobilizaram o País, interferiam no comércio, no transporte público, nas rotinas de produção industrial e política, além de acontecerem em momentos próximos à Copa das Confederações, em que representantes de vários países estavam no Brasil e atentos aos acontecimentos realizados aqui. Uma manifestação de tamanha aderência, com cerca de 1 milhão de pessoas em aproximadamente 80 cidades do Brasil¹², teria efeitos políticos, envolveria a imagem de figuras importantes, principalmente dos ocupantes dos cargos do poder Executivo. Esta previsibilidade era o que, de imediato, valora as manifestações como notícia.

Os manifestantes, ao pedirem mudanças estruturais na situação política e econômica do Brasil, impactavam o cenário nacional. O inusitado estava no fato de haver tantas coisas incômodas acontecendo no País e até então os indivíduos permanecerem em uma espécie de acomodação e, de repente, um grande número de pessoas se mobiliza nas

¹² Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/manifestacoes-pelo-pais-reunem-1-milhao-de-pessoas-em-pelo-menos-80-cidades-8764478.html> Acesso 09/07/2013

maiores cidades do Brasil para protestar contra tantos problemas ao mesmo tempo. “O gigante acordou”, e isso precisa ser noticiado, pois o “gigante” representa o impacto que a mobilização de tantas pessoas teria sobre o País.

Os destaques da cobertura nacional foram sobre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Mas cada capital teve sua representatividade, principalmente na cobertura do dia 20 de julho de 2013, quando a Rede Globo de Televisão interrompeu sua programação para a transmissão de protestos em várias capitais. Os critérios utilizados para esta troca eram vários e referiam-se a importância que as manifestações estavam adquirindo e o interesse que a população tinha no resultado delas. Havia um grande interesse humano, afinal de contas, eram pessoas que estavam em luta, que entravam em conflito com os policiais, que eram presas e até que queriam assistir aos jogos de futebol. Aqueles eventos interferiram no cotidiano do País, teriam impacto nos governos, principalmente nos representantes do poder executivo, por isso foram notícia e por isso deveriam ser registrados.

Por questões de linhas editoriais, alguns veículos se posicionavam contra, outros a favor das manifestações. Mas ficava impossível desconsiderar o valor-notícia que aqueles acontecimentos tiveram. Pelos impactos gerados sobre o Brasil, pela quantidade de pessoas mobilizadas por uma possível mudança, pela relevância das propostas dos manifestantes, pelos possíveis desdobramentos destes protestos e todo o interesse que isso gerou no País. Não era possível fugir ou negar que algo de tamanhas proporções estivesse acontecendo no Brasil, mesmo porque o que as mídias sociais estavam nas manifestações, transmitindo-as “ao vivo” com textos, fotos e vídeos do que estava se passando lá. A mídia de massa era pautada e ao mesmo tempo concorrente do *Facebook* e do *Twitter*.

O que acontecia era um agendamento mútuo, entendendo o agendamento como “habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública”. (MCCOMBS, 2009, p. 17) A divulgação, os convites e as discussões nas mídias sociais sobre as manifestações pautavam a mídia de massa, ao mesmo tempo em que as situações construídas nos relatos da mídia de massa fez com que o assunto se fizesse presente por mais tempo e as discussões sobre ele tivessem repercussão, inclusive, fora do Brasil.

O agendamento não diz o que pensar, mas sobre o que pensar, segundo McCombs (2009). A agenda da mídia, assim, torna-se a agenda do público e isso aconteceu no contexto das manifestações em que elas viram o assunto principal, não só por estar nas mídias, mas pelos impactos causados, pelas consequências que carregariam. Deste modo, as

manifestações chegam também aos folhetos de cordel que, como mídia, fazem um registro dos eventos que são parte do cotidiano, dos eventos que se tornam notícia e que fazem parte da história do País.

OS FOLHETOS NOTICIOSOS

Para Kunz (2001) os versos de cordel são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possuem uma voz plural, pois trata-se de uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que, juntas, compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta, recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver e ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir, reproduzir) o que "viu e ouviu", divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição. (LEMAIRE, 2007, p. 06)

Como portadores de notícias, inicialmente os folhetos serviam de 'jornais do sertão'. Os cantadores, que viajavam muito em apresentações levavam aos lugares as histórias que circulavam nas demais localidades por onde passavam. A notícia era veiculada pela voz dos poetas. Com o acesso dos poetas às máquinas impressoras, aos poucos essas notícias iam chegando na forma impressa, mas ainda em poesia. Notícias, por exemplo, do que acontecia nas romarias em Juazeiro do Norte eram muito comuns. Tanto que Padre Cícero, figura marcante da região, está entre os personagens que mais aparecem nos folhetos, ao lado de Getúlio Vargas, Lampião, Frei Damião e Lula.

A preocupação do poeta é mostrar a própria realidade, o seu cotidiano, não necessariamente seguir padrões do exercício jornalístico de apuração, como a prática básica de dar voz a todos os lados de um fato. O poeta conta os fatos de acordo com a própria opinião e de acordo com as interferências que aquele fato tem em sua vida ou em sua comunidade. É a ótica do poeta que vemos apresentada.

Os temas que aparecem na literatura de cordel são adaptados ao meio onde eles circulam, ao sentimento do grupo ao qual o intérprete faz parte e sobre assuntos que são considerados relevantes, independente de onde tenham acontecido. Tratam de temas como piadas (chistes), acontecimentos, biografias, mitos, romances, acontecidos fantásticos. Interpretam os acontecimentos, contam a vida de personagens ilustres, analisam as notícias,

fazem crítica social, divulgam idéias... Representando a voz do sertanejo, o poeta do cordel se torna uma espécie de jornalista popular.

O que chega ao conhecimento poeta e que ele interpreta como importante, ele interpreta e transforma em poesia. Falam de temas como a morte de Getúlio Vargas e Tancredo Neves, enchentes, doenças, questões ambientais... Temas de relevância pública que o poeta interpreta e escreve, exercendo assim uma de suas diversas funções, que é a de informar.

Em 21 de abril
O dia de Tiradentes
A Pátria caiu no pranto
Porque as rádios dolentes
Gemeram em notícias breves
Faleceu Tancredo Neves
O melhor dos presidentes¹³

Os ciclos temáticos dos folhetos de repercussão social defendidos por Diegues (1986) caracterizam-se por trazer uma expressão social e por conteúdos que repercutem dentro os leitores.

Teus olhos demonstram a dor, a tristeza
Miséria, pobreza
E cruéis privações
E enquanto essas dores tu vive penando
Vão ricos roubando
Milhões e milhões

Garoto eu desejo que em vez deste inferno
Tu tenhas caderno
Também professor
Menino de rua de ti não me esqueço
E aqui te ofereço
Meu canto de dor¹⁴

O cordel opõe à realidade um combate “dado no modo imaginário e cujas armas são a utopia, o mito, a lenda, o milagre...”. (KUNZ, 2001, p.62) Para que haja esse combate é preciso que sejam explorados a memória e o imaginário coletivos. “Todos eles, santos e dragões, fazendeiros e cangaceiros, amantes e vaqueiros, boi encantado e pássaro de ferro, atravessam o sertão, cruzando fronteiras indecifráveis entre real e irreal.” (KUNZ, 2001, p.63)

Os poetas transmitem as informações que lhe foram passadas pelos seus conhecidos ou de que foram testemunha. As histórias vão de boca em boca, transformam-se em versos e em seguida são impressos em folhetos de cordel. Pela relação com o factual,

¹³ “Adeus, Tancredo!” – Crispiniano Neto. 1985

¹⁴ “Menino de Rua” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

com fatos a serem relatados, há uma certa pressa na impressão. O poeta conta sua própria história através das peripécias de seus personagens. É muito comum a existência de conflitos maniqueístas na literatura de cordel, ou seja, que apresentam uma luta do bem contra o mal. Por exemplo, nos cordéis estudados sobre o Presidente Lula, ele aparece como o bem que vai lutar contra males como a corrupção, a pobreza e a miséria. Assim, a poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-a, é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas, nos cordéis, a informação que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história. De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

O poeta é, assim, produtor e mediador de diversos conteúdos midiáticos. O cordel é uma mídia não só pelo suporte, mas também pelo conteúdo socialmente relevante e significativo que difunde, pelos conhecimentos contidos nos versos, pela memória e tradição que o compõem e que são mantidos por ele. As várias faces dos folhetos nos

permitem direcionarmos o olhar sobre este objeto a partir de cada área do conhecimento, sem necessariamente negar as demais. Basta um olhar mais aprofundado e poderemos perceber nos folhetos suas tantas formas de inserção social.

O folheto sobre as manifestações do mês de julho de 2013 é uma amostra deste cordel noticioso, que se baseia em um fato da realidade cotidiana para ser construído, referindo-se a um evento inusitado, de grande repercussão social e que, assim como na mídia de massa e nas redes sociais, é (re)construído nos folhetos em forma de poesia.

“O MANIFESTO DE TODOS NÓS”

O tema das manifestações ocorridas durante o mês de junho de 2013 tornou-se recorrente além do espaço da mídia de massa. Como já tratamos aqui, as redes sociais foram muito importantes para a mobilização dos protestos e a sua divulgação, as informações que circulavam com grande velocidade, muitos eram os conteúdos compartilhados, comentados. O assunto de interesse público vira, também, pauta em poesia de cordel. Em folheto e nas redes sociais. Por exemplo, na página Tributo ao Cordel, foram publicados versos no dia 22 de junho por Nando Poeta¹⁵, cordelista natalense.

Folhetos noticiosos têm esta característica de, a partir de um fato agendado pela mídia de massa, inspirarem-se com o temas que podem gerar o interesse de leitores que irão comprar os folhetos como forma de registro de determinado evento que se torna histórico. Com a quantidade de informações que circulou sobre os protestos, o que os poetas fazem não é necessariamente informar que estavam acontecendo manifestações, mas fazem uma interpretação dos acontecimentos em seus textos, como forma de construir uma realidade versificada, para ser cantada, em que a opinião do poeta fica evidente. Mais do que relatar os acontecimentos, os poetas utilizam um discurso analítico e interpretativo.

Diante da importância e dos impactos das manifestações, critérios de noticiabilidade semelhantes aos do jornalismo são levados em consideração para a produção de um folheto. Os protestos também têm valor-notícia para os folhetos, que tratam de temáticas sociais, que transmitem conhecimento. Há interesse público por esta temática e o cordel dá um tratamento diferenciado às informações. Assim, a memória das manifestações não fica restrita ao efêmero das redes sociais e das 24h de vida de um jornal.

¹⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=202893583198438&set=a.130565527097911.28127.130470963774034&type=1&theater> Acesso 11/07/2012

Abraão Batista, então, publica ainda no mês de junho o folheto “O manifesto de todos nós”, com 8 páginas e uma tiragem inicial de 1000 exemplares, que o poeta distribui gratuitamente. O assunto das manifestações fazia parte do cotidiano do momento. O que o folheto faz é a construção de um campo simbólico em que o objetivo não é apenas informar sobre os protestos, afinal, as pessoas já recebiam um número incontável de informações tanto da mídia de massa quanto nas redes sociais. O folheto de Abraão analisa algumas das pautas, as ações dos sujeitos participantes e faz de seus versos uma forma a mais de protesto.

O Manifesto diz assim:
O povo está cansado
Desta cruel corrupção
Como, de ser enganado
Pelos partidos mesquinhos
E político safado

Queremos ver pratos limpos.
A Justiça apoiada
A impunidade deixa
A nossa gente esmagada
A Pê É Cê trinta e sete
Deve, então ser rejeitada

Neste caso, temos um folheto informativo em que o poeta não produz a notícia, não a apura. Como um acontecimento de grande interesse nacional, as informações nele trabalhadas são obtidas pelas notícias veiculadas pela mídia de massa, as mesmas informações às quais têm acesso o público leitor dos folhetos. O que ele faz é uma espécie de jornalismo opinativo e aproveita a sua mídia para registrar as próprias insatisfações sobre os assuntos que geraram as manifestações.

O folheto começa com os comentários do poeta sobre o uso da força bruta, referindo-se às repressões policiais aos manifestantes. Ele aproxima esta prática, através do uso do mesmo adjetivo, “abestado”, para compará-los aos indivíduos corruptos. Estes, para Abraão, deesprezam “os bons costumes”. Trata-se de um julgamento de valores em que o poeta avalia a ação do outro a partir de sua própria subjetividade que classifica os costumes como bons ou ruins. O maniqueísmo é comum no discurso dos folhetos, sejam eles de ficção ou noticiosos, principalmente se consideramos que a opinião do poeta é o grande diferencial da notícia veiculada no folheto e daquelas que circulam pela mídia de massa.

Os assuntos destacados pelo poeta no folheto podem ser observados critérios de noticiabilidade semelhantes aos do jornalismo, no que se refere ao conteúdo. Pensamos na importância do evento das manifestações e seus impactos sobre a nação, que têm também

impactos sobre a vida dos cordelistas e do público leitor dos cordéis, como indivíduos que compartilham dos acontecimentos e cujas consequências serão sentidas por todos. Assim, Abraão destaca que a situação atual do Brasil carece de saúde, educação e políticos honestos, por isso, o povo, “irritado” resolve pedir soluções.

O Brasil é sacudido
A partir de uns centavos
Desse grito veio a gota
Que tocou rosas e cravos
Acordando o gigante
A República e os bravos

O poeta contextualiza o início das manifestações e menciona a situação dos professores em Juazeiro do Norte – CE que tiveram uma redução salarial de 40% nas gratificações aprovada pela câmara dos vereadores. Temos, então, o critério de proximidade e, novamente, de interesse público. Abraão, que mora em Juazeiro do Norte, menciona este acontecimento em sua cidade, onde houve protestos também, que teve repercussão nacional. Um corte de recursos na educação aprovado pelos vereadores obedece ao critério do inusitado, considerando que professores têm salários baixos e que ainda serão diminuídos. Ao mesmo tempo em que o poeta menciona este fato, ele opina, considerando os vereadores “corruptos de nacença”, a câmara “abestada” e o salário dos professores como “de fome”.

Abraão faz uma generalização afirmando que “nenhum brasileiro” está satisfeito com a situação do País. Percebemos, assim, mais um elemento que caracteriza o texto do cordel como opinativo, em que esta é a percepção do poeta. Os únicos dados objetivos que os versos trazem são os nomes dos vereadores que votaram contra a redução dos salários dos professores de Juazeiro do Norte.

Só quatro vereadores
Ficaram ao bom favor:
Tarso Magno, Gledson Bezerra
Defenderam o professor
Rita Monteiro, Claudio Luz
Também do grupo defensor.

Assim, seguindo uma estrutura de apresentação opinativa dos manifestos e dos comportamentos de políticos, Abraão faz o próprio manifesto, como uma análise das situações que levaram às manifestações, ao mesmo tempo em que usa o folheto como forma de protesto. Abraão mostra suas insatisfações, que muitas são as mesmas levantadas nos protestos, como a PEC 37, questões de saúde e educação, violência e a repressão policial aos protestos e corrupção.

Sabemos assim que, mesmo que o jornalismo não seja objetivo, que todo texto se trata sempre da construção de uma realidade a partir da interpretação que o autor faz da realidade cotidiana que ele percebe – e que a própria percepção é mediada por fatores sociais, culturais, históricos e subjetivos – ele se baseia em dados apurados muito mais do que na opinião do jornalista expressa em adjetivos e reflexões, argumentações, avaliações e previsões, a não ser que se trate do jornalismo opinativo.

Nos folhetos noticiosos, esta forma textual é muito comum. O poeta não é jornalista, ainda que alguns se considerem poetas-repórteres. Podem até ter formação em jornalismo, exercer esta função em veículos de comunicação de massa, trabalhar como colaboradores, mas nos folhetos, ainda que noticiosos, não se trata de jornalismo, mas de difusão de informação, de conhecimento a partir de suas opiniões.

O cordel está muito próximo da crônica, em conteúdo, onde o que interessa mais é a opinião do autor diante daquele fato que foi escolhido a partir de critérios de noticiabilidade, sobre fatos que têm um valor notícia considerável, mas que parte da subjetividade do poeta/cronista, da sua forma de perceber e sentir os fatos, de construir uma realidade a partir dos detalhes e/ou da sensibilidade que têm para avaliar um contexto sem, necessariamente, utilizar dados oficiais e técnicos, mas principalmente a partir do cotidiano e de suas percepções dos acontecimentos.

O Brasil mostrou com força
Em suas grandes capitais
Firmeza e reclamação
Revelando uns bons sinais
Para a presidente Dilma
Sair logo desses umbrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro feito pelo poeta Abraão Batista sobre as manifestações, além de utilizar-se desta mídia como uma forma de também protestar, mostra a permanência do folheto de cordel como veículo noticioso. Em um contexto em que há informações em excesso, em que as redes sociais dominam o cenário informativo e de protesto, os folhetos continuam se fazendo presentes, demarcando seu espaço e com um diferencial que é o da opinião, não sendo apenas uma reprodução daquilo que as outras mídias veiculam.

Abraão Batista, ao publicar ainda no mesmo mês em que as manifestações aconteceram prova que a atividade produtiva dos folhetos acompanha o cotidiano, que continua viva e que eles estão presentes na construção de uma realidade. Não se trata mais

de um veículo utilizado para informar, pois a efemeridade das notícias que circulam na mídia de massa tornariam obsoletas e ultrapassadas as notícias contadas nos versos de cordel quando elas saíssem.

Mas a presença da informação continua e o folheto é usado para difundir estas notícias, para interpretar os acontecimentos, não mais para servir como único meio de informação dos indivíduos. O que o folheto faz é registrar a memória, é uma crônica do cotidiano em que a subjetividade do poeta na construção da realidade sobressai à notícia em si, pois esta já é conhecida e, no caso das manifestações, amplamente divulgada e comentada. Assim, podemos notar que a função noticiosa dos folhetos não fica restrita ao passado, não está fechado e não significa atraso, engessamento ou contrário de modernidade. A informação, o conhecimento, a opinião continuam circulando nos folhetos, servindo de mote para poesia e esta produção continua ativa.

Temos o objetivo de desenvolver as reflexões iniciais abordadas neste trabalho a partir do caso das manifestações mais adiante, com novos casos em que encontremos folhetos abordando acontecimentos cotidianos de grande interesse social e que também sigam critérios de noticiabilidade estabelecidos pelo jornalismo, para buscar as possíveis aproximações existentes entre eles e investigarmos a forma como os folhetos abordam as temáticas noticiosas nos dias atuais. Para isso, precisamos de mais tempo e mais acontecimentos e mais folhetos precisam surgir. A pesquisa continua.

REFERÊNCIAS

- DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.
- LEMAIRE, Ria. Rer os textos: resgatar as vozes. In FUNK, G. **Estudos sobre Patrimônio oral**. Câmara Municipal de Ponta Delgada. Açores. 2007
- LUYTEN, Joseph Mari. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992
- MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São paulo: Contexto, 2010.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Editora Presença, 1999